

Crise estimula debate entre parlamentares

Grupo de deputados esquece as diferenças ideológicas e se une em busca de alternativas para melhorar a eficiência e a imagem do Legislativo

PAMELA NUNES
e ANTONIO MARCELLO

BRASÍLIA — O impasse na revisão constitucional e a repercussão negativa de episódios como a derrubada do que veto presidencial que limitava os salários de parlamentares, ocorrida na quarta-feira, tornaram ainda mais intensos os debates dos integrantes do grupo conhecido como Novo Parlamento. Sem registro formal, o grupo reúne deputados que, apesar de pertencer a partidos com pouca ou nenhuma afinidade ideológica, alimentam o respeito mútuo e, em alguns casos, a amizade. Eles têm, ainda, uma preocupação unânime: recuperar a eficiência (e a imagem) do Legislativo.

A crise do Congresso levou o Estado a consultar, separadamente, quatro deles — José Genoíno (PT-SP), Miro Teixeira (PDT-RJ), Sigmaringa Seixas (PSDB-DF) e Benito Gama (PFL-BA). A seguir, suas principais respostas.

Estado — O que é o chamado Novo Parlamento?

José Genoíno — É um grupo de parlamentares que, apesar das diferenças ideológicas, têm amizade e a mesma maneira de tratar a questão do Congresso. Com a morte de Ulysses Guimarães, faltou força e vontade política para fazer uma ruptura interna na Casa. Como o grupo é formado por pessoas que apostam no Congresso, pode se articular para ter verdadeiramente um novo parlamento, para fazer o jogo correto. Hoje nem temos regras nem estamos sabendo jogar.

Miro Teixeira — Há quem nos chame de Grupo dos 15. Mas nunca fiz as contas e não sei se somos 15. Nenhum de nós se imagina um centurião. Tenho a impressão de que é possível haver outros grupos com intenções semelhantes. Faço uma crítica a nossa geração: atuou tanto no combate à ditadura e tem revelado uma inacreditável falta de ousadia na administração da política. Continuamos comandados pelos velhos hábitos, pelos velhos caciques, pelos velhos manda-chuvas da política.

Sigmaringa Seixas — Temos de lembrar que não se trata de um grupo partidário, queremos contribuir para mudar a imagem da instituição, tornar ágil o processo legislativo, independentemente de nossas posições partidárias.

Benito Gama — Há um diagnóstico claro das coisas que estão erradas e precisamos ser consertadas. Temos o poder institucional, mas não o estamos exercendo para o bem, só para o mal. As diferenças ideológicas entre nós servem para estimular a discussão. O que nos aproximou foi uma forte dose, modéstia à parte, de bom senso. São políticos preocupados com o que pode acontecer.

Estado — A proposta do grupo, então, é salvar o Congresso?

Benito — Não diria salvar o Congresso. Nosso objetivo é colocar o Congresso com o pé no chão.

Miro — A preocupação é sempre o País. Mas sempre que discutimos o País, obviamente, estamos discutindo o Congresso.

Genoíno — Temos de fazer dois movimentos que se combinam. Um é mais amplo, pelo estabelecimento de re-

gras democráticas e éticas para conduzir as instituições. O segundo movimento consiste em deixar o conteúdo para discutir depois. Do que o Congresso está necessitando? De uma reunião de parlamentares de bom senso para pensar a crise do Congresso. Não para a abafar.

Estado — A atuação do Novo Parlamento seria uma tentativa de tomar o poder no Congresso?

Miro — Sem dúvida nenhuma.

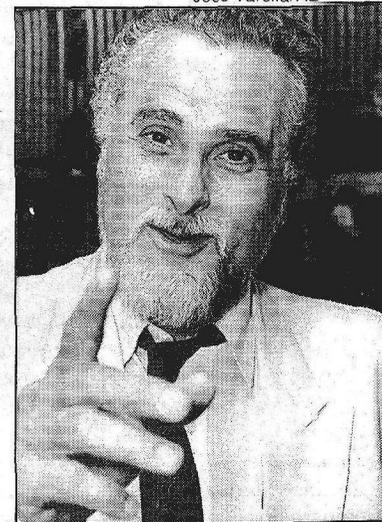
Genoíno — Não imagino uma reforma no Congresso que não seja o resultado da soma de todas as forças legitimamente representadas na Casa. Está na hora da nova geração dizer a que veio.

Estado — É possível acreditar na capacidade de mudança de um Congresso cujos deputados decidem aumentar os próprios vencimentos?

Genoíno — Episódios assim não ocorrem espontaneamente. É preciso ter muito voto. O Congresso está vivendo uma crise de definhamento.

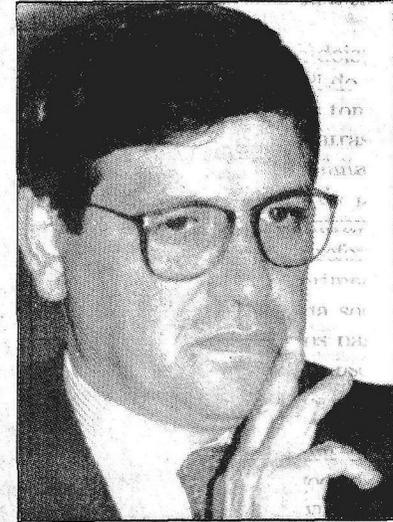
TEMOS
PODER, MAS
NÃO O
EXERCEMOS
PARA O BEM,
SÓ PARA
O MAL

José Varella/AE—14/9/93



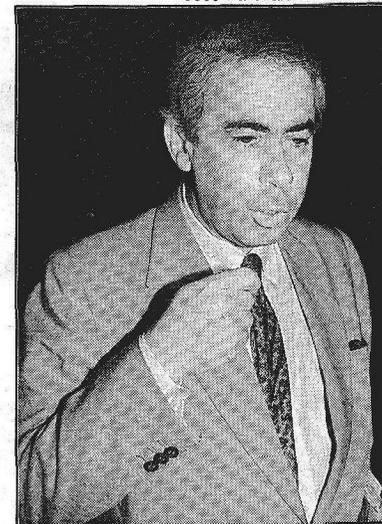
Genoíno: "Evitar a ruptura"

André Dusek/AE—14/7/92



Benito: "Exercer bem o poder"

José Varella/AE—12/11/93



Sigmaringa: "Processo ágil"

Wilson Pedrosa/AE—28/10/93



Miro: contra "velhos hábitos"

Não tem comando, não tem pauta, não tem Mesa Diretora que tome iniciativas, que produza política. Não podemos ir para o matadouro.

Benito — A questão central é a pauta. Ela tem de ser discutida com todos os parlamentares — e publicamente, para que a sociedade tome conhecimento do que o Legislativo está fazendo. Se naquele dia tivéssemos discutido a pauta, provavelmente a matéria não teria sido votada.

Sigmaringa — O problema é que a definição das pautas é feita pelos líderes em acordo com os presidentes das Casas. Os líderes, por sua vez, conversam muito pouco com as bancadas. A maioria dos parlamentares se sente como mera coadjuvante do processo legislativo. O caso dos salários foi típico: os parlamentares tomaram conhecimento do que estavam votando na hora de votar.

Miro — Uma pessoa chegou a me dizer que tem uma certeza: a de que o atual Congresso é pior que o anterior e melhor do que o próximo. Espero que isso não seja realidade.

Estado — O que provocou a crise da revisão constitucional?

Benito — Essa crise tem dois aspectos. Um é o tempo. A CPI do Orçamento era necessária, mas tomou cem dias da revisão. Isso atrasou muito o início do processo. A falta de informação é de discussão do processo de revisão é o outro entrave.

Sigmaringa — Para fazer reforma constitucional é preciso, primeiramente, que haja interesse da sociedade e, depois, interesse dos parlamentares. A sociedade está absolutamente desinteressada e os parlamentares também.

Genoíno — Revisão sem uma agenda que possa ser negociada e debatida antecipadamente vira uma exacerbação da pulverização. Ninguém ligou para o período de debate, que está se dando na votação.

Miro — Há deputados e senadores na Casa para a revisão, mas não há quórum no plenário. Por quê? Porque não existe ânimo para a reforma. A revisão não significa nada neste momento.